



Nem te conto

CAFÉ LITERÁRIO COM
UM DEDO DE PROSA



Autores:

Aline Amorim
Ana Beatriz Abreu
Ana Clara Galvão
Antonio Adelaide Neto
Débora Raquel Oliveira
Elice Yehudi Pacheco
Estephany Jamilly Sousa
Flaesio Henrique Castro
Gilmar Gabriel Nascimento
Jordyson Raell de Sousa
Marcos Vinicius Sampaio
Renato Phylho

Organização: **Fernanda Abreu**
Gabriela Santana

Nem te conto

CAFÉ LITERÁRIO COM
UM DEDO DE PROSA

Organização: Fernanda Abreu
Gabriela Santana

Nem te conto

CAFÉ LITERÁRIO COM
UM DEDO DE PROSA

Itapecuru-mirim - Maranhão
2023

Copyright © Fernanda Abreu - 2023

Organização:

Fernanda Abreu

Gabriela Santana

Capa:

Equipe do Projeto

Projeto gráfico, diagramação

Megan Design Editorial

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do Autor ou da organizadora.

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Abreu, Fernanda. Santana, Gabriela – organizadoras

Nem te conto - Café literário com um dedo de prosa / Fernanda Abreu, Gabriela Santana. Megan – Editoração e Design Criativo, 2023.

ISBN: 978-65-999831-4-6

1. Contos. I. Título.

CDD B869.3

“Quem ensina, aprende ao ensinar. E quem aprende, ensina ao aprender”

Paulo Freire

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO	11

CONTOS

INOCÊNCIA	15
A CASA DORABELLA	32
A DOR DAS 22 HORAS.	36
O MOTIVO.	37
DESTINOS ENTRELAÇADOS: UMA HISTÓRIA DE PERDA E REDENÇÃO.	40
É VOCÊ...?	43
A VINGANÇA	47
SEQUESTRO RELÂMPAGO.	50

APRESENTAÇÃO

O gênero conto é uma forma literária rica e versátil que tem encantado leitores ao longo da história. Sua estrutura concisa vaza narrativas envolventes que explorar uma variedade de temas e emoções. Foram justamente essas duas características, texto curto e pluralidade de sentidos, os fatores que impulsionaram a escolha desse gênero literário como o motor do projeto “Nem te conto”.

A proposta de ensino que culminou na produção deste livro, teve como objetivo principal proporcionar aos alunos um contato mais atento com a Literatura, através de contos. A metodologia adotada permitiu que os alunos ocupassem dois lugares, o do leitor e o do escritor. Dessa forma, tanto na etapa das análises de textos de autores consagrados, quanto durante a confecções de seus próprios escritos, os alunos puderam explorar as nuances cheias de significações presentes nesse gênero.

No decorrer dos encontros, foi possível perceber que o contista que foi mais acolhido pelos olhos atentos dos alunos foi o norte-americano Edgar Allan Poe, o que

será possível notar nas nuances sombrias escolhidas pelos nossos escritores iniciantes na confecção dos seus próprios textos. Outro autor que provocou debates calorosos foi Machado de Assis, cuja presença também é possível perceber nos contos que se seguem, nem tanto, a título temático como Poe, mas por meio de estruturas textuais, sendo possível perceber em escolhas narrativas marcadamente machadianas.

Os estudos em grupo permitiram uma maior lapidação de habilidades de interpretação e escrita perceptíveis, somente, de forma “bruta” no dia a dia da sala de aula. O desenvolvimento desses talentos só foi realizado graças ao apoio financeiro ofertado pela PRENAE, através do edital EDITAL N° 38/2023 - PRENAE/REITORIA/IFMA. Os agradecimentos seguem à professora Gabriela de Santana Oliveira, coorientadora do projeto, que dedicou seu tempo e conhecimentos no desenrolar dessa jornada, à Poeme-se livros e discos, situada no centro da cidade de São Luís, também apoiou o “Nem te conto” através da doação de livros, que, ao término do projeto, serão destinados à Biblioteca Mariana Luz, localizada no IFMA *Campus* Itapecuru-Mirim.

Por fim, estendo os agradecimentos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), *Campus* Itapecuru Mirim, que cumpre com o seu dever de promover um ensino de qualidade aos seus estudantes, gerando o aprimoramento da educação pública de qualidade por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

PREFÁCIO

Na encruzilhada entre a juventude ansiosa por explorar os corredores da imaginação e o vasto universo da literatura, um grupo de alunos do primeiro ano do ensino médio se lançou em uma aventura inesquecível: a criação de um livro de contos. Sob o manto inspirador do projeto “Nem te conto: café literário com um dedo de prosa”, esses jovens escritores, ora individualmente, ora em duetos literários, *penetraram surdamente no reino das palavras* para dar vida a narrativas que foram, a cada semana, sendo polidas pelos olhares atentos da leitura coletiva do grupo.

A jornada literária desses alunos não foi simplesmente um mergulho solitário nas letras, mas sim um processo de amadurecimento e descoberta, moldado por semanas de encontros e discussões apaixonadas e até mesmo calorosas. Nestas reuniões, os contos de gigantes da língua portuguesa, como Machado de Assis e Lygia Fagundes Telles, se misturaram com a sombria maestria de Edgar Allan Poe, um mestre das letras de língua inglesa.

As páginas de obras clássicas desses grandes artistas das palavras foram abertas e exploradas, oferecendo *insights* profundos sobre a arte de contar histórias.

Enquanto desvendavam as nuances dos contos de grandes mestres, esses jovens aspirantes a escritores se submeteram a um processo de autoaprimoramento. Semanalmente, eles liam, escreviam e poliam suas criações literárias, aprimorando suas habilidades e refinando seus textos advindos de um constante cuidado com a palavra. O resultado foi uma evolução notável que não apenas se refletiu em suas próprias escritas, mas também na capacidade de analisar e interpretar os textos literários de forma mais sofisticada.

Este livro de contos é o testemunho desse árduo trabalho, da paixão incansável pela literatura e da busca pela expressão criativa. Cada página é um convite para mergulhar em mundos inexplorados, onde a imaginação dos jovens autores se entrelaça com as lições dos mestres clássicos. É um convite para saborear um café literário com um dedo de prosa, onde as histórias se desdobram e revelam a magia que reside nas palavras.

Nas páginas que se seguem, caro leitor, você encontrará uma coleção de contos que são mais do que meras narrativas; são reflexos das leituras cativadas realizadas pelos alunos que se misturaram à mente fervilhante desses jovens escritores que ousaram imaginar e compartilhar suas histórias com o mundo. Passe um café.

Prepare-se para uma jornada literária única, repleta de surpresas, emoções e descobertas, uma cortesia dos talentosos alunos do primeiro ano do ensino médio do IFMA Campus Itapecuru Mirim que deram vida a este livro. E, como a melhor prosa, nem te conto o que você está prestes a vivenciar!

Fernanda Abreu
coordenadora do projeto.

CONTOS

INOCÊNCIA



Jordyson Raell dos Santos de Sousa.
Saadya Mell Azevedo de Araujo

Alex era um adolescente comum, não era do tipo que se destacava só por ser quem era. Ele não era muito alto, era magricela, tinha cabelos castanhos e adorava ler histórias em quadrinhos. Seu pai era bem legal, mas não morava com ele, e sua mãe dizia que era porque eles tiveram uma pequena briga há muito tempo. Seu irmão mais velho batia nele, eles se odiavam. Sua mãe? Bem, ela era uma boa mãe, embora tivesse alguns probleminhas de raiva. De todo modo, Alex a amava muito, e é isso que importa, não é? Mudando de assunto... Alex conhecia bastante gente, mas não gostava de quase ninguém, e ele não gostava disso nele também. Seus poucos amigos eram o Arthur e o Sandy. Alex gostava muito deles, mas nunca dizia

isso em voz alta. A escola em que Alex estudava era legal, mas rígida pra caramba, e também era cheia de gente que Alex não gostava muito, não por serem malvados com ele, mas, talvez, porque Alex era uma pessoa que, bom... poderia ser considerada bem chata e fresca. Saindo disso, esse era o tipo de vida que Alex tinha, em poucas palavras.

Um dia, Alex conheceu uma garota muito, mas muito legal. Seu nome era Cassandra, e ela se tornava mais incrível a cada dia que passava. Por algum motivo, Alex se apaixonou bem rápido por ela, mas ele nunca soube muito bem o porquê, e isso, de certa forma, o assustava. O tempo foi passando e o sentimento que Alex tinha por Cassandra aumentava cada vez mais, era como a alegria de uma criancinha ao ganhar seu primeiro carrinho Hot Wheels. Mas, havia um problema, um grande problema: Alex era um frouxo que não sabia demonstrar sentimentos. Ele tratava Cassandra melhor do que tratava as outras pessoas, só que isso, de alguma forma, não era o suficiente, e ele se perguntava toda noite, antes de dormir, o porquê de não conseguir dizer a ela o que sentia, ou pelo menos demonstrar o que se passava em seu coraçãozinho. Depois de pensar muito e muito, ele entendeu que era por medo de ser muito sincero e ela não sentir o mesmo, e acabar o deixando, e isso assustava Alex mais do que qualquer monstro dos filmes de terror que ele assistia. O que ele poderia

fazer a respeito? Alex tinha muito medo, então apenas continuou se esforçando para demonstrar aos poucos o que sentia, esperando que isso a fizesse gostar dele de volta, e assim eles poderiam ser felizes juntinhos. Ah, que sonho! Que belo sonho, não é mesmo!?

Então, em um dia muito comum de abril, Alex estava quase chegando em casa após uma noite muito triste e cansativa, até que viu uma pessoa muito familiar, e ao olhar melhor, percebeu que era alguém que ele conhecia muito bem: Cassandra! Mesmo morto de cansaço, ele correu para vê-la com um brilho em seus olhos, mas ele percebeu algo estranho... Cassandra estava com outro rapaz. Eles estavam rindo juntos, de mãos dadas e tomando sorvete. Aquilo foi o suficiente pro coração de Alex queimar. Ele queria saber quem era aquele cara. Ele queria tirá-lo de perto dela. Ele queria estar no lugar dele. Mas então algo bem ruim aconteceu: eles se beijaram.

Alex congelou. Seu cérebro parou de funcionar. Seu pulmão começou a entrar em combustão. Sua respiração parecia evaporar conforme entrava e saía por seu nariz. Alex sentiu um pedaço de seu corpo e mente ser destruído. Aquilo era um pesadelo. Sim, só poderia ser um pesadelo. Ora, então era só dar um beliscão em si mesmo que tudo estaria acabado, não é verdade? Então seu braço, em alguns instantes, ficou cheio de pontinhos vermelhos que escorriam, e suas unhas já estavam doendo. Ele não acordou. Alex estava vendo

seu primeiro amor escapando por entre seus dedos. Mas de quem era a culpa? Cassandra? Daquele cara? Alex se irritou muito, e foi para a casa se trancar em seu pequeno quarto bagunçado. Depois de pensar bastante, Alex entendeu que a culpa era dele por ser um frouxo. Talvez se ele tivesse dito e demonstrado mais, talvez, talvez, talvez... fosse ele naquela hora. Alex estava tão triste que não conseguiu dormir naquela noite. Ele não quis pôr o pé para fora de casa naquele dia. Ele estava magoado e irritado consigo mesmo, com sua fraqueza e medo, com seus defeitos que o fizeram perder a garota dos seus doces sonhos. Mas o melhor para Alex era seguir em frente, e foi isso que ele decidiu fazer! Bom... foi isso que ele tentou fazer... todos os dias, durante todas as semanas seguintes... dos próximos meses... Mas isso é um segredo! Não conte para ninguém.

Ele estava se esforçando muito no seu trabalho e também para tirar boas notas, já que estava no último ano da escola. Ele não havia se apaixonado verdadeiramente por ninguém depois daquilo e se sentia bem assim. Ou, pelo menos, era o que ele dizia para si mesmo. O problema de Alex era sua solidão. Sandy e Arthur já não eram mais seus amigos por conta de uma pequena inconveniência que deixou Alex... Deixa pra lá, não o afetou muito. Não foi nada.

A vida de Alex não era divertida como a dos seus colegas. Seu trabalho o pagava apenas o suficiente para se manter, enquanto sua mãe se afundava mais em bebidas e cigarros.

Alex já estava ignorando muitas coisas em sua vida: seu irmão havia ido morar com a esposa, e seu pai, há muito tempo, tinha se casado com outra mulher. Porém, Alex não ia muito com a cara dela. As pessoas que conhecia o chamavam para sair, e ele até aceitava, mas aí algo o deixava triste e então ele voltava para casa sem dar explicações, isso fazia as pessoas não gostarem de chamá-lo. Ele sabia disso. Ele se sentia triste por isso também. Ele pensava no quão desgostável ele era, e então, silenciosamente, chorava sob seus cobertores. Talvez quando ele crescesse e virasse adulto as coisas acabassem por melhorar. Sim, talvez as coisas melhorassem. Ele só queria crescer logo, mesmo que já fosse bem crescido.

Alex dormia tarde e acordava tarde. Seus quadrinhos estavam perdendo a graça. Seus filmes e séries estavam ficando mais chatos, e os livros eram irritantes demais para ele. Ele se sentia muito burro e estúpido por ser daquele jeito. Alex dava boa noite, e enquanto os outros continuavam se divertindo com outras pessoas, ao invés de dormir, Alex chorava até a madrugada o acertar. Ninguém o entendia, todos se irritavam com ele muito facilmente. Alex estava sempre muito exausto. Exausto por tudo. Mas... Vamos! Ele ainda era o bom e velho

Alex! Aquele Alex legal e que tinha um sorriso para falar com seus amigos! Aquele Alex que contava piadas toda hora! Aquele Alex que se divertia muito com seus poucos amigos, aquele Alex que se esforçava sempre para tirar boas notas e se sair bem no trabalho! Enquanto ele ainda fosse assim, tudo estaria bem. Ele ainda era esse Alex, não é?

Não. Talvez não.

Alex se sentou em sua cama e começou a pensar no que havia feito em toda a sua vida. Bem, no que havia feito de bom, ao menos. A conclusão à qual Alex chegou foi decepcionante: praticamente nada. Sua vida foi uma grande pilha de tristezas e desgraças, a começar por sua infância. O que dizer de um garoto que cresceu sem a companhia constante do pai e com uma mãe que o desrespeitava e o desmerecia sempre que tinha a oportunidade? No Ensino Fundamental, sofria *bullying* constante de seus colegas e até mesmo era menosprezado por seus professores, mas ele nunca entendeu o motivo... Talvez fosse pelo fato de Alex sempre ter sido inocente e ingênuo. Ele nunca revidava, ele aceitava sem falar muito, mesmo quando apanhava sem razão apenas pela diversão dos outros. Não revidar e evitar confusões era o que, na cabeça de Alex, o tornava uma boa pessoa, mas em noites como aquela, ele se questionava se era daquele jeito apenas por medo, e não por bondade e pacifismo.

Nada daquilo importava! Ora, não é nem um pouco legal e másculo pensar nessas coisas sem nem ser um adulto ainda! Foi então que Alex se deitou, começou a ter pensamentos positivos sobre como ele era incrível e sobre como ele iria tornar a sua vida incrivelmente legal! Sim, sim, isso é realmente legal e másculo, esse é o bom e velho Alex, ha ha!

“Que medíocre”, ele pensou consigo mesmo.

Alex puxou seus cobertores bem devagar e se escondeu embaixo deles. Mas, ele se escondeu do quê? Ele sentiu que estava se escondendo de tudo, do mundo, mas, talvez, no fundo, ele soubesse que não estava se escondendo do mundo. Ele estava se escondendo de si mesmo. Sutilmente, sem perceber, ele começou a derramar lágrimas mornas. O frio noturno o abraçou involuntariamente, e, então, Alex dormiu. Algo em sua vida havia se perdido naquela noite.

Até depois, Alex.

Ele estava apático como a mais quieta manhã, mórvido. O céu estava repleto de nuvens com os mais diversos formatos, e a mistura de tons entre a escuridão ameaçadora e a claridade fraca da alvorada criava um contraste belo de se apreciar. Os pássaros batiam suas asas gentilmente, seus cantos confortavam até mesmo o mais inquieto dos ouvidos. O sol estava surgindo no horizonte, sua luz dourada e revigorante atravessava a sombra das árvores agressivamente e ininterruptamente

em direção a janela do quarto. Sem graça e pacífico como sempre, o dia de Alex começava do mesmo modo que todos os outros.

Ele não sabia o que preparar em seu café da manhã, então apenas evitou-o e se dirigiu à porta. E então, lá estava ela: a sutileza de uma manhã de verão. Rostos, pessoas, jovens, música, ar fresco e muitos sorrisos. Realmente incrível, realmente incrível. Alex queria esmagar os raios de sol animados que percorriam aqueles sorrisos bobos e inocentes, ele sentia inveja das pessoas ao seu redor, e isso era de seu conhecimento.

“Quebre-me, quebre-me!”, ele pensava sem parar por um segundo. Sua mente parecia uma máquina em loop transmitindo a mesma tarefa sequencialmente até o defeito no sistema chegar e a sobrecarregar ainda mais. Por algum motivo, ele não sabia o porquê de estar com aquilo na cabeça, e mesmo sabendo que aquilo não o faria bem, continuou. A arrogância mesclava-se com a raiva, seus sentimentos não encontravam coesão. Alex estava fora de sintonia não só com si mesmo, mas também com o mundo ao seu redor. Sua mente estava cansada, ele estava exausto de si mesmo como nunca antes. A paciência de Alex para si havia chegado no limite.

Ele mal se lembrava, mas era a véspera de seu aniversário de dezenove anos. Quase dezenove anos desde que aquele pequeno potencial aborto havia sido expelido pelo útero de sua progenitora. Ele desejava ter sido

abortado, ou ter nascido com alguma doença crônica que o impedisse de passar dos dez anos de vida, já que assim, ao menos teria vivido apenas durante o bom período de sua medíocre existência. O cansaço mental atrapalhava e influenciava seu desempenho no trabalho, que agora era a única coisa na qual ele poderia se agarrar – a noção total disso arruinava o bom humor do pobre Alex. Coitadinho!

Ele pensava que talvez devesse largar tudo, mudar de nome e ir para uma cidade bem distante dali. Sim, parecia uma boa ideia, ele deveria aderir! Talvez um dia, quando Alex fosse menos pobre e miserável, tirasse a carteira de motorista e conseguisse ao menos comprar um carro. Até lá, o melhor a ser feito seria sonhar. Doces e amargos sonhos. Alex havia chegado em sua casa após um longo dia de trabalho, e bom, no dia seguinte era seu aniversário, então ele fez um esforço para se manter acordado até a meia noite, assim como uma criança inocente tenta ficar acordada até a virada do ano para poder ver os fogos. Antes que percebesse, Alex já estava dormindo como uma pedra.

Eram 19h45 da noite.

Ao acordar, Alex mal conseguia abrir os olhos, mas se sentiu forçado a isso. Ele se sentia tonto, exausto e sonolento, ao mesmo tempo que parecia ter dormido por dois dias seguidos. Eram 00h10 da madrugada, e ele estava desanimado por lembrar de seu ciclo matinal

exaustivo e repetitivo, mas isso não iria o afetar naquela noite, pois, afinal, era seu aniversário.

Ao sair de casa, sentiu como se o ar estivesse mais puro e os prédios à sua frente fossem mais bonitos, até mesmo a risada desconexa das pessoas ao seu redor pareciam mais agradáveis naquele instante. Minutos depois, recebeu diversas mensagens da sua mãe e do irmão lhe desejando um feliz aniversário, e foi então que Alex quase sentiu como se pudesse nutrir carinho por eles. Seus colegas de trabalho e até mesmo seu chefe o parabenizaram, além de contribuírem com uma inusitada canção de parabéns que deixou Alex muito desconfortável, mas feliz. Sandy e Arthur foram lhe visitar, o que foi uma grande surpresa para Alex, mas que o deixou tão contente quanto um garotinho ao ganhar seu brinquedo favorito de presente. Mesmo com seus problemas passados, os três puderam se entender e comemorar o dia especial de Alex naquele momento, tal qual faziam quando eram crianças.

“No fim das contas, você não parece ter mudado muito, só tá com a voz mais grossa”, Sandy disse sorridente para Alex.

“Deveríamos nos reunir assim mais vezes. Saudades de você, Alex”, aquelas palavras ditas por Arthur ressoavam por vários minutos no coração e cérebro de Alex, que imediatamente concordou com a cabeça.

Faltando algumas horas para o entardecer, eles se despediram. Cada um seguiu por seu caminho e Alex sentiu um conforto anormal no coração, aquilo havia sido tão bom que ele passou a questionar se estava normal. O dia, anormalmente, estava sendo muito bom, mas havia algo faltando, e Alex sabia o que era: seu pai não havia sequer lhe dado os parabéns pelo aniversário. Seu próprio pai. Mas Alex tentou se confortar e inventou para si mesmo a desculpa de que ele poderia estar muito ocupado com o trabalho, ele se sentia melhor assim... Por um tempo. As horas passaram e o crepúsculo estava batendo à porta, o sol já estava desaparecendo e as primeiras estrelas estavam surgindo, estampando o céu levemente escuro com seu brilho invejável, e Alex estava vagando pelas ruas da cidade; elas estavam tão quietas quanto cadáveres degolados aguardando para serem enterrados, e enquanto o som dos passos das pessoas felizes em contraste com os ruídos dos carros correndo em alta velocidade oscilava como uma tortura cínica para os ouvidos, Alex questionava a real importância de sua vida e o quanto ela valia. Mesmo com um dia incrivelmente feliz, Alex sentiu algo semelhante ao vazio da camada mais obscura do espaço sideral estendendo-se por seu coração ao fim de toda aquela sequência radiante de bons momentos.

Alex sentiu-se estúpido por deixar que a ausência de seu pai naquele dia o abalasse e afetasse tanto e, talvez,

se Sandy e Arthur soubessem daquilo, zombariam dele por ser tão dramático e burro, mas se fosse o caso, ele não teria moral alguma para retrucar. Talvez o fato de seu pai ter esquecido de um dia tão importante mostrasse que Alex não significava muito para alguém que ele admirava mais do que a si mesmo, e isso torturava seu coração a cada segundo. Alex teve a impressão de estar preso em um amargo sonho mal idealizado por si mesmo. Ele queria acordar, mas e se, talvez, o sonho tivesse sido todas as coisas boas pelas quais ele passou pelo resto do dia? Alex chegou à conclusão de que todas aquelas grandes e pequenas coisas especiais que viu, não significavam mais nada. Ele quis morrer por pensar isso.

Embora ele tenha rejeitado completamente a ideia de que seus bons momentos com seus amigos não eram insignificantes, ainda sentiu como se todo o resto estivesse lentamente perdendo a magia. Por que Alex era tão imbecil por pensar aquelas coisas? Qual era o seu problema? Por que ele não poderia apenas deixar aquilo de lado e ir aproveitar o resto do seu aniversário?

“Se é pra ser assim, então apenas se mate logo, ora”, uma voz do fundo de seu âmago fez aquelas palavras ecoarem por toda a extensão do corpo de Alex. Não houve qualquer resposta.

“Por que o mundo é tão injusto? Eu não mereço isso. Eu nunca mereci! Por que Deus apenas não me mata logo? Do que vale me deixar vivo se for para fazer da

minha vida uma miséria constante? Anda, faz um favor para nós dois e me mata logo”

“Se você não fizer isso, eu vou. Pode apostar!”, Alex se enfureceu com Deus, com o mundo e com si próprio, mas ele sabia que era covarde demais para ir adiante. Mesmo com toda a valentia presente naquela afirmação, ele ainda voltaria atrás como um bebê chorão e assustado. Talvez Deus gostasse disso.

Enquanto caminhava, Alex olhou para o céu sob o qual se sentiu submerso. Assim como na manhã anterior, havia uma mescla de claridade e escuridão que se juntava em uma harmoniosa sinfonia, banhada por estrelas. O céu estava limpo, sem uma única nuvem sequer. Era tão lindo que ele quis tirar uma foto, mas não conseguiu fazer nada além de caminhar e apreciá-lo. Enquanto estava fissurado naquele céu momentâneo, Alex pensou no quanto queria que sua vida fosse tão bela, calma e apreciável quanto aquele céu, mas isso era apenas mais um desejo tolo e inocente do qual Deus zombaria.

Feliz aniversário, Alex.

As nuvens ocultavam o brilho da lua, transformando o ambiente em uma realidade mórbida abandonada pela esperança, aos olhos de Alex. Ele estava em uma pequena festa a convite de seus amigos, que o obrigaram a sair de casa naquela noite apenas para o deixarem no canto, em troca de diversão com algumas garotas. Ele estava deprimido novamente, e a sensação de ser o único

cabisbaixo naquele lugar apenas o fez se sentir deslocado de tudo. O banheiro parecia um bom abrigo do barulho, então ele rapidamente se dirigiu para lá para se manter por um tempo e, após também se cansar do clima de lá, resolveu ir embora.

A mistura de péssimos sentimentos e solidão, o barulho e os gritos, os gemidos, a fumaça, a agitação e a angústia o fizeram se sentir mal, como se seu peito fosse explodir e seus pulmões estivessem funcionando rápido demais. Alex estava apenas mal naquela noite.

Antes de se render à crise e desabar, Alex foi socorrido por alguém. Após alguns minutos de desespero, ele finalmente voltou ao normal. Assim que sentiu sua visão retornar, olhou para a figura à sua frente e percebeu que foi socorrido por uma garota desconhecida, perto da saída. A vergonha se estendeu por cada ponto de seu rosto, mas o olhar reconfortante dela o ajudou a se sentir menos embaraçado.

“Me desculpa por isso, de verdade”, Alex disse rapidamente.

“Sem problemas, você tava bem mal. Qual o seu nome?”, ela indagou.

“Ah... Alex”

“Lisa”, e assim, ela se apresentou. Alex achou “Lisa” um belo nome, e soava reconfortante assim como ela.

“Você não pode ir pra casa sozinho. Deixa que eu te levo, tô de carro”, Lisa disse em um tom exalando preo-

cupação com o bem estar de Alex, que mesmo recusando várias vezes, decidiu aceitar por insistência.

Lisa era o exato oposto de Alex, como se fosse sua antítese. Ela era alguém que abraçava a realidade e a enfrentava, diferente de Alex. Mesmo na primeira hora ao lado dela, Alex podia se sentir quase iluminado pela gentileza e singularidade de Lisa. Após chegarem em seu apartamento, Alex rapidamente tentou ser o mais receptivo e gentil possível como maneira de agradecê-la, mas ela apenas reparou no quão sujo e desorganizado estava sua casa.

“Vamos limpar isso, que tal?”

E antes que sequer pensasse em uma desculpa para recusar, Alex aceitou e ambos limparam o apartamento. A sensação de limpeza e a ausência de caos e desordem fizeram Alex se sentir em uma nova casa, e uma nova sensação estranhamente boa percorreu seu corpo. Lisa mal se cansou ou se incomodou em oferecer ajuda, e pareceu contente após ajudar. Além de auxiliar na organização da casa de Alex, Lisa reparou em seu péssimo estado corporal, até porque Alex mal se alimentava direito para alguém da sua idade, e se dispôs a incentivá-lo a ter um bom e saudável jantar naquela noite. Após toda aquela agitação e atenciosidade repentina, Alex se sentiu forçado a questionar:

“Por que fez tudo isso por um estranho que conheceu há três horas?”

E Lisa, sem hesitar, respondeu:

“Você tava precisando de ajuda e eu ajudei. Chegando aqui e vendo o modo como você trata sua casa e sua alimentação, não pude negar a mim mesma a vontade de te ajudar a melhorar isso essa noite. Talvez eu seja dessas pessoas que apoia quem precisa sempre que pode, mas você além de precisar, parecia ser uma boa pessoa por baixo dessa casca depressiva e quieta. Creio que isso seja motivo o suficiente”

Não há exatamente um termo que possa expressar os sentimentos de Alex naquele momento, mas pelo bem da conveniência, vamos lá: felicidade.

“Muito obrigado, então”, ele sorriu enquanto se despedia daquela pessoa esquisita que salvou sua noite.

Enquanto observava Lisa indo embora, Alex sentiu que se não dissesse algo, perderia algo muito importante para sua vida.

“Lisa!”, ele a chamou, “Vamos ser amigos!”

“Virou uma criança?”, ela respondeu, “Por mim, tudo bem. Mas por que isso de repente, pra uma estranha que conheceu há três horas”

“Acho que é porque eu notei que há valor em pessoas boas”, Alex respondeu.

Após aquilo, Lisa foi embora. Alex, pela primeira vez em muito tempo, sentiu como é ser tratado como alguém bom. Aquilo reacendeu uma pequena faísca na alma de Alex e ele sentiu como se uma parte velha e desperdiçada

de seu cérebro que havia sido meramente transformada em um espaço negro, houvesse sido transformada em um quadro em branco novamente. Obviamente, Alex ainda era o mesmo, ainda vivia em uma ilusão distante da realidade moldada sob morbidez e infelicidade, mas daquele dia em diante, a presença de Lisa o fez sentir-se um pouco melhor em relação às adversidades de sua própria vida, enquanto vagava por entre dias vazios e lugares sem valor e tentava, assiduamente, fazer com que sua vida ainda queimasse até o dia de sua morte.

A CASA DORABELLA



Ana Beatriz Mendes Lisboa Abreu
Gilmar Gabriel Correa Nascimento

Me perguntam o porquê da minha timidez, da minha solidão, do meu desgaste físico e mental, me perguntam por que tenho medo de socializar e me abrir com as pessoas, mas isso não é fácil para uma velha de 81 anos.

Não sei como responder, mas talvez os motivos disso estejam no que minha mãe dizia, que eu era uma criança diferente, um pouco solitária. Nunca fui de dividir os meus brinquedos e nem de muitas amizades. Lembro-me que aos meus 17 anos conheci um rapaz, Roberto, o meu primeiro namorado e meu último amor, que amei perdidamente.

Na manhã do meu aniversário de 18 anos, minha vó me deu a notícia que ele havia partido, lembro-me de perder o ar e ir em direção ao chão, é a última lembrança que tenho desse terrível dia. Dias se passavam e a tristeza e os delírios me consumiam, minha avó não sabia o que fazer comigo e logo me levou para casa de uma velha conhecida, Dorabella, o nome dela, e disse que lá seria o meu novo lar. Dorabella pediu que eu a chamasse de mãe, lembro-me que as suas características físicas eram meio peculiares: cabelo curto, vestes rendadas, longas e claras, cheias de babados, e apresentou-me às minhas irmãs, todas suas filhas de adoção, elas usavam roupas padronizadas e cortes de cabelo semelhantes.

A casa era grande, cheia de quartos e cômodos estranhos, em específico um, para onde iam as “garotas malcriadas” e de onde eu nunca vi ninguém voltar depois de ter entrado. Porém, a casa tinha um belo jardim que chamou totalmente minha atenção e onde eu gostava de passar as minhas noites. Em uma certa noite encontrei o Roberto nesse jardim, e logo estranhei:

- Rodei pelo mundo todo a te procurar, não imaginei que estaria aqui, disse ele.

Assustada e confusa o questionei sobre a sua tal “partida”:

- Nancy, esquentei minha cabeça e fugi após a nossa última briga, mas agora estou aqui e ficarei para sempre ao seu lado.

- Senti tanto sua falta, já não sabia mais o que fazer sem você. Já está ficando tarde e tenho que entrar, você não quer entrar comigo?

- Não, não iriam me aceitar, mas me encontre aqui toda a noite, assim que o sol sumir. Disse ele.

Foram diversas noites de conversas ao seu lado, parecia que sempre era a primeira vez. Sempre quis o apresentar às minhas irmãs, mas ele sempre dizia que não iriam aceitá-lo e isso me provocava insegurança, mas relevei por bastante tempo. Em um determinado dia ele apareceu à tarde na porta de nossa casa, o atendi imediatamente e chamei minhas irmãs falando que o meu grande amor estava na porta, mas quando chegaram lá, ele já tinha ido embora. Minhas irmãs contaram para Dorabella que eu estava me encontrando com um menino, e logo ela me questionou:

- Nancy, encontrou um amor nesse lugar tão privado?

- Sim, meu antigo amor rodou o mundo a me procurar. Nós nos encontramos todas as noites.

- Estás se encontrando às escondidas com um homem em minha casa? Só vai tê-lo ao seu lado com minha aprovação. Disse Dorabella enfurecida.

- Perdão Dorabella, irei apresentá-lo a você esta noite.

E assim o encontrei no jardim, no mesmo horário de sempre, expliquei a situação e ele aceitou conhecê-la. Levei Dorabella ao jardim e ele estava lá.

- Onde se encontra seu amado?

- Em sua frente, não estás vendo?

Imediatamente, Dorabella me pegou pelos braços e me levou ao cômodo das garotas malcriadas. Me prenderam em uma cama com amarras e me deram medicações duvidosas que me fizeram dormir. Foi aí que me dei conta que a casa Dorabella era, na verdade, um hospício para garotas.

Por anos fiquei presa naquele cômodo, recebendo vários medicamentos e sofrendo maus tratos. Lembro de gritar por Roberto durante vários dias, mas nada dele aparecer...

Finalmente, consegui sair de lá e hoje moro na casa que era da minha avó.

Agora, vivo aqui conformada que ele não passava de ilusões da minha cabeça e que a grande causa de sua partida fui eu.

A DOR DAS 22 HORAS



“A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago.”

Ana Clara Pessoa Rodrigues Lago Galvão
Carolina Maria de Jesus.

Mente fervilhando, o corpo ainda ébrio do vazio. Sinto a dor que me corrói há dias. Meu corpo já dava sinais: eu permaneço cansado, como se a bateria do meu corpo estivesse se esgotando, a minha energia escorria pelo ralo e eu não achava mais artifícios para aparar o que escapava das minhas mãos. Eu sinto uma dor inexplicável, como uma criança que chora, sente o desconforto da dor, mas, por sua fragilidade e impotência, mergulha no escuro da vulnerabilidade. Eu precisava me atar ao palpável, sentir o que completasse meu corpo, aliviasse a angústia. Anseio pela completude, sonho em me sentir inteiro, nutrido, revestido de existência. Exuberante.

O MOTIVO



Aline Corrêa Cabral Amorim

“**N**ovo vírus detectado é responsável por aumentar absurdamente os níveis de cortisol no cérebro, fazendo as pessoas perderem o controle e começarem a matar umas às outras”. Foi aí que tudo começou a mudar.

No começo ninguém se importou, mas eu suspeitava que isso seria algo bem maior do que pensavam... O vírus foi se espalhando e logo tomou proporções avassaladoras em escala mundial, uma verdadeira pandemia do crime. Bastava olhar nos olhos de um contaminado para você perder o controle de seus atos e a raiva tomar conta de todo o seu ser, como um barco que vai perdendo o controle da superfície durante o seu naufrágio. A medida que a água entra na embarcação, a leva vagarosamente

para a submersão. O contaminado se encontra assim, submerso em raiva e descontrole.

Imagino minuciosamente as cenas dos crimes, os gritos de quem não conseguiu se defender e as batalhas sangrentas até a morte daqueles que ansiavam matar mais que tudo. Manifestou-se em mim uma grande inquietação, foi aí que me atentei que hoje o dia estava monótono, eu não gosto da monotonia, eu precisava de adrenalina.

Saí do quarto e fui em direção à sala, chegando lá percebi algo diferente, estava claro, olhei para o chão e vi a cortina da janela caída, elevei meu olhar e vi do lado de fora...

“Senhora, você está ciente dos crimes que cometeu, correto?”.

Passei a encerrar o promotor a minha frente e não lhe devolvi uma resposta. Meu advogado então disse: “De que forma ela poderia estar ciente se, como muitos, foi mais uma vítima da doença?”.

“Não há vestígios do vírus nos exames de sangue dela que comprovem que ela foi verdadeiramente infectada, mas há provas dos inúmeros crimes que ela cometeu”. Proferiu o promotor.

Então comecei a rir, não, comecei a gargalhar cada vez mais alto, todos olhavam para mim com espanto. “Vocês nunca irão entender!”. Exclamei impulsivamente por estar totalmente impaciente com aquele circo que

armaram. Para terminar logo com aquilo que já estava estourando minha paciência, terminei explicando, porque eu sempre tenho que ficar explicando tudo:

“Eu não matava porque sentia ódio das pessoas, e sim, porque queria me sentir bem, eu gosto da adrenalina, só assim conseguia me sentir viva.”.

DESTINOS ENTRELAÇADOS: UMA HISTÓRIA DE PERDA E REDENÇÃO



Débora Raquel da Silva Oliveira

Em meio às paisagens exuberantes do interior de uma cidade da Bahia, Dona Ana Maria, carinhosamente conhecida como Dona Ana, cultivou um profundo vínculo com o campo. Cada manhã começava com o canto dos pássaros e o cheiro fresco da terra molhada. Apesar dos desafios que a vida no campo podia oferecer, Dona Ana, com sua força e determinação, transformou cada dificuldade em oportunidade.

A rotina diária dela era entrelaçada com os ciclos da natureza, desde plantar nas primeiras horas do dia até descansar sob um céu estrelado à noite. Sua casa simples, cheia de histórias e calor humano, tornou-se um refúgio acolhedor para todos na comunidade.

Dona Ana personificava a resiliência e a generosidade que caracterizam a vida no campo na Bahia. Suas mãos calejadas contavam histórias de trabalho árduo, mas seu sorriso iluminava o ambiente, irradiando esperança e amor por cada sulco da terra que ela chamava de lar.

Dona Ana não tinha emprego, só vivia de agricultura, ela tinha um marido chamado Seu José, e um filho muito esperto chamado Rafael. Ela morava em uma casa bem pequena, mas para ela era um lugar bem aconchegante, um pequeno paraíso.

Na vida de Dona Ana aconteceram grandes conflitos, mas ela sempre seguiu em frente. Apareceu uma vaga de emprego em outra cidade, um rapaz mudou a vida de Dona Ana completamente.

Dona Ana vendia suas mercadorias na cidade da Bahia, até então...

Em um belo dia ensolarado, Dona Ana e sua família foram vender suas mercadorias na cidade, lá eles venderam todas as mercadorias, pois quem comprou as mercadorias, foi um rapaz chamado Guilherme.

O jovem Guilherme, um empresário de grande porte, estava realizando turismo na Bahia, pois residia em São Paulo. Ele procurava sua mãe, que, estranhamente, residia na Bahia.

Ana retornou à sua residência com a sensação de satisfação por vender todas as mercadorias. Foi a primeira vez que ela vendeu todas as suas mercadorias. No dia

seguinte, Dona Ana acordou preocupada, quando o seu filho Rafael perguntou à sua mãe o motivo pelo qual ela estava triste. Dona Ana respondeu:

- Meu filho, a mamãe não está triste, estou apenas preocupada.

Rafael, o filho de dona Ana, respondeu:

- Mamãe, tudo vai ficar bem.

Dona Ana ficou muito feliz quando seu filho disse que tudo ficaria bem.

É VOCÊ...?



EliceYehudi Rocha Pacheco
Renato Souza Mendes Phylho

Todos nós, desde crianças, sonhamos em ser muitas coisas. Alguns sonham em se tornar astronautas, outros almejam ser espetaculares bailarinas, realizando graciosas apresentações nos palcos de Paris, porém, de forma ríspida e brusca, a realidade assola nossos sonhos até que eles lentamente percam aquilo que os mantinham vivos, *a esperança*. Sem ela, nossos sonhos perdem a magia que os conservaram vivos, e, conseqüentemente, morrem. A partir daí vivemos uma vida em preto e branco, acostumados com os fracassos e decepções que nos forçaram a acreditar que a vida é assim mesmo... rotineira, sem ânimo e escassa de sinceras felicidades, um verdadeiro “tanto faz”.

Essa ideia não era tão distinta da vida que Renato levava... Quem é Renato? Alguém que também já foi cheio de sonhos... mas que nunca conseguiu se livrar totalmente da esperança que mantinham seus sonhos vivos. Então, ao invés de enterrados, eles estavam em um “estado de coma”, esperando para serem despertados. Talvez isso fosse uma bênção disfarçada de tormento... ou um tormento disfarçado de bênção. Depois vocês podem tomar suas próprias conclusões! Só sei que para aqueles que escolhem esse caminho, a dúvida sempre se torna seu eterno fardo.

Renato sempre sonhou em se tornar um grande enxadrista!

“Xeque-mate, mamãe”, essas eram as palavras mais empolgantes que Renato falava durante todo o seu dia. Rotineiramente, a partir das 17 horas, Renato e sua mãe se reuniam para jogar uma partida de xadrez, sua mãe sempre o deixava ganhar (*risos*), só para ver aquele lindo sorriso estampado no rosto de seu filho. Para ela aquilo não tinha preço!

“Você ainda vai se tornar um grande enxadrista, meu filho, você conseguirá tudo aquilo que eu nunca pude conquistar, mas não perca a fé e a esperança que alimenta os seus sonhos!”

Renato agarrou essas palavras no fundo de sua alma e as teve como verdades. Na verdade, abrindo um parêntese, tudo o que sua mãe falava era tido como princípio.

O fato era que, para ele, a vida era como um jogo de xadrez, onde ele jogava contra sua própria realidade, fria e calculista, as pessoas a sua volta eram como peças do tabuleiro, e sua mãe, sem dúvidas, era a sua peça mais importante! O próprio Rei! Ele não saberia viver sem ela... Em caso de Xeque-mate, O Rei não seria o único capturado... Aquilo não era um simples jogo.

Durante todos os seus 17 anos de vida, Renato ganhou muitos campeonatos, medalhas e títulos, tudo caminhava muito bem e sua mãe se enchia de orgulho, até que um dia a sua realidade começou a se cansar desse joguinho fácil... para ela não adiantava ter conseguido “somente alguns Peões” de Renato, nem mesmo ter a prioridade de definir o início da partida por jogar com as peças brancas! Ela queria o “Rei”, assim ganharia todas as peças junto... e mais! Finalmente conseguiria o fim da partida de uma vida mágica e colorida.

A realidade de Renato é um oponente habilidoso, que mede suas jogadas com precisão, foi assim que ela disse “Xeque-mate” inesperadamente, e, sem que Renato entendesse a situação, sua mãe se foi, junto com tudo o que tinha direito, como anteriormente previsto, até que aos poucos Renato também foi sumindo, as cores foram desaparecendo e tudo se tornou um vazio, um verdadeiro “tanto faz”.

De repente tudo estava escuro, mas em algum lugar diante de todo aquele vazio, se identificava uma luz, um

pontinho na escuridão. Contudo Renato tinha medo de ir até ela, ele tinha dúvidas se deveria ir ou não, se ela poderia tirá-lo daquela situação ou não, se ela poderia reintegrá-lo novamente *ou não*.

“Será que me inscrevo na competição?”

“Acho que não tenho mais chances de ganhar.”

“Será que eu vou?”

“Não, se eu for, vou perder o dinheiro que gastaria na alimentação desse mês”

“Eu vou...”

“Se eu ganhasse, minha mãe ficaria muito feliz lá no céu...”

“Eu posso ganhar, eu era bom nisso..”

“Mas tem muitos melhores do que eu lá...”

“Um dia eu ainda vou conseguir...”

“Só que provavelmente não será agora..”

“Será? Não sei.”

Será que um dia Renato vai conseguir ir até a luz do seu vazio e despertar seu sonho do estado de coma? Ou isso também será uma dúvida?

Tomara que essa dúvida também não se transforme num verdadeiro “tanto faz”, porque aí sim, essa benção terá se tornado definitivamente um tormento. Mas quem decide isso é Renato... *é você...*?

A VINGANÇA



Flaésio Henrique da Costa Castro
Antonio Adelaide Batista Neto

Sua rotina sempre seguia o mesmo fluxo, derrubava árvore após árvore, indo contra a natureza que tanto o ajudara a sobreviver, mas assim continuava com o objetivo de cuidar da sua família e prover o sustento daquelas que eram ímpares em sua vida, sua mulher e sua filha. Esse lenhador esforçava-se diariamente no cansativo trabalho pesado de corte e transporte da madeira extraída da floresta da região. A tarefa mais fácil, ou pelo menos a menos cansativa, era a parte da venda desse material para a madeireira, mas havia algo que ele não sabia.

Em uma noite fria e chuvosa, antes de chegar em sua humilde cabana, o lenhador avista um jornal em frente à sua casa e logo percebe algo que chamou sua

atenção: múltiplas ocorrências de situações anormais, desaparecimentos de pessoas sem nenhum vestígio de culpados até então. Havia apenas uma coisa em comum nesses casos: queimaduras no telhado das cabanas das famílias atacadas.

O lenhador, após saber essas notícias que já circulavam pela região, decide entrar em sua casa e nota pegadas que pareciam estar voltadas em direção oposta a ele, parecendo que o invasor havia saído de sua casa. Atentamente, começou a olhar cada canto de sua moradia. Chegando ao quarto de sua filha, percebe um cheiro de fumaça e, ao entrar no local, encontra o motivo, o cheiro vinha do teto todo chamuscado. O provedor daquela família entra no quarto desesperadamente a procura da sua filha. O desespero o invade de forma avassaladora, sobe pelo seu corpo o imenso medo advindo da imaginação do que poderiam ter feito à sua filha. Seus olhos se abrem atentamente quando ele ouve um grito afinado que veio do quarto de sua esposa, chegando lá, ele vê algo que nunca mais poderia esquecer, era irreversível.

O corpo ensanguentado de sua mulher em cima da cama com uma lança cravada em seus peitos. Caindo em lágrimas e em desespero, o lenhador escuta um barulho semelhante a um choro saindo de sua casa. Esse som deu garras a ele para juntar suas últimas forças e, desesperadamente, adentrar à floresta escura sem nenhum medo e com um único objetivo em vista: fazer de tudo

para salvar o bem mais precioso que lhe restara, sua filha. Seguiu inundado de vigor, ódio, medo, revolta e sentimento de vingança em direção ao choro, ao chegar na origem do som, depara-se com sua filha desacordada ao lado de uma entidade com os pés invertidos, cabelos flamejantes e suas partes íntimas cobertas por farrapos. O olhar daquele homem que outrora era pacato agora está vazio, ele está imerso em um estado de inebriamento notável em seus olhos, que transparecem a mais profunda sensação de medo e solidão, ele estava estático, em choque. Não seria imprevisível pensar que aquele lenhador estava enlouquecendo.

Continuando em estado de paralisia, o ser o encara e lentamente segue em sua direção. Aquele pai percebe que os segundos que vive, provavelmente, serão seus últimos momentos e tudo o que ecoava em seus pensamentos eram as perguntas: “por que eu? ”. “Por que minha filha? ”. “Por que minha esposa? ”. “Por que minha casa? ”. “Por que minha família? ”. Com uma lança cravada na barriga, sua última visão é de um olhar penetrante de julgamento e vingança. A criatura condenava cada ação daquele homem, estava do seu lado oposto, buscava reparação contra algum erro que o lenhador ainda não havia percebido.

SEQUESTRO RELÂMPAGO



Estephany Jamilly da Silva Sousa

Chloe nasceu em uma madrugada muito linda, na sexta-feira, 13 de julho de 1963. Nossa personagem mora em uma cidade muito bem organizada, mas tinha um porém: segundo a menina, o lugar era cheio de regras, o que a fazia repetir as reclamações: “não pode isso, não pode aquilo’ e lá, lá, lá...”. Ela é estudante do fundamental e estuda em uma das melhores escolas da cidade. Como o próprio nome dela já diz, Chloe é “florescendo”, “fertilidade”... sim, ela tinha isso em si, não só em seu nome. Uma garota inteligente, prestativa e muito curiosa. Isso não é bom, também não é ruim, mas na maioria das vezes sim, porque ela vive se metendo em encrenca.

Por sempre ter que lidar com tudo sozinha, pois na sua vida as coisas nunca foram fáceis. Sempre teve que

ser forte, então ela ‘cresceu’ antes do tempo. Apesar da porca idade possuía uma responsabilidade e esperteza de dar injeção a muitos adultos. Quando criança, por um bom tempo, foi ela a mãe e o pai da família, não no sentido de ser a provedora do lar, mas por ter que lidar com todas as percalços da vida de forma muito racional, muitas vezes mais com mais senso de responsabilidade de que seus pais, seu pai, mais precisamente. Às vezes era tudo muito lindo. Eu digo às vezes porque quando seus pais brigavam, ela ficava aterrorizada. Não eram só ‘briguinhas’, os dois proferiam palavras horríveis. Uma criança presenciar toda aquela situação é muito prejudicial.

Quando Chloe tinha nove anos e meio, sua mãe ganhou sua segunda filha. Todos ficaram muito felizes, principalmente Chloe, pois um de seus sonhos era ter uma ‘irmãzinha’ para brincar. Ela sempre estava contente e animada com sua nova companhia que estava por vir. A irmã nasceu e ela foi a segunda pessoa a pegar aquele pequeno bebê no colo.

Quinze dias depois da alta médica, a mãe de Chloe teve que voltar para o curso de enfermagem que tanto amava e recentemente resolvera voltar a seguir esse sonho que há muito tempo havia deixado para segundo plano. A menina, junto com seu pai, teve que ficar responsáveis por sua irmãzinha Kyara. Na manhã do dia seguinte, a mãe de Chloe saiu bem cedinho, deixou o leite pronto

para a caçula e o café para a primogênita. Antes de sair, deu um beijo na testa dos três (Chloe, Kyara e o pai das crianças) e disse: “Eu só estou indo hoje mesmo porque já perdi muitas aulas e preciso terminar esse curso logo para arranjar um emprego e ajudar o seu pai com as despesas.” E disse mais: “Eu estou com um pressentimento tão ruim, mas eu já vou e volto logo. Até logo, meus amores!” Chloe deu tchau para sua mãe e logo em seguida ela saiu. Não demorou muito, o pai de das meninas saiu e disse: “Minha princesa, papai vai bem ali rapidinho resolver uns assuntos de adulto e volta já, eu não demoro!” Ele montou na moto e saiu, deixando as duas crianças sozinhas.

Se passaram 20 minutos e chegou alguém buzinando. Chloe ficou toda feliz e contente em abrir a porta pensando que era seu pai. Era casal encapuzado. Eles foram logo invadindo a casa e levando consigo Kyara e Chloe. Esta, que pela idade conseguia entender melhor o que estava acontecendo, gritou em um ato de desespero a fim de tentar fazer com que aquilo parasse. “Me solte, me solte, deixa a gente em paz! Me larga!” O homem, já sem paciência, disse: “Cala a boca ou eu juro que vai ser pior”. Kyara, por ser apenas um bebezinho, continuava dormindo, e Chloe, com medo deles fazerem alguma coisa com elas, calou a boca. Mas deixou uma pista na porta da rua. Essa pista era seu sapato, que deixou cair quando estava sendo levada.

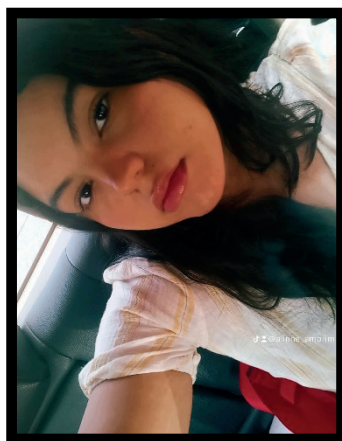
Ao chegar em casa, o pai de Chloe olhou para a porta aberta e sem as crianças. Ele já ficou tenso, apavorado, sentindo um grande sentimento de culpa. Sua primeira ação foi chamar os colegas de trabalho para ajuda-lo, depois comunicou o ocorrido para sua esposa. Ao saber da tragédia que se instaurava, a mãe rapidamente se dirigiu para casa e disse aos prantos e em tom alterado: “É tudo culpa sua, se você não tivesse saído e deixado as minhas filhas sozinhas nada disso teria acontecido. Elas são crianças!”. Ele disse: “Calma! Eu irei achar as minhas filhas, custe o que custar! Vamos encontrá-las.” Saindo de casa, ele tropeçou em algo e veja só, era o sapato de Chloe. Ele nunca havia perdido a fé de que eu acharia suas filhas. Enquanto isso, Chloe foi contando quantas ruas e quais lados o carro ia dobrar. Veja só, uma garotinha de apenas 10 anos fazendo isso.

Pararam em uma blitz, os policiais foram até o carro em que Chloe e a irmã estavam. Quando os policiais estavam vindo em direção a eles, um dos bandidos falou para Chloe ficar calada e confirmar tudo o que eles perguntaram. O policial chegou até o carro e pediu o documento do carro e os bandidos entregaram. Nisso, vendo as duas crianças, o policial perguntou quem eram elas. O casal prontamente fingiu que as duas eram suas filhas. “Estamos indo passar um tempo na casa da avó materna das meninas, não é, filhota?” Perguntou a Chloe com um olhar simpático e ao mesmo tempo intimida-

dor. A garota apenas confirmou. O policial fez outra pergunta: “Vocês não estão sabendo do sequestro de duas crianças, uma de 10 anos e outra bebezinha?” Os bandidos mudaram rapidamente seu jeito e sua fisionomia. Nisso o policial teve certeza sobre as suspeitas que já tinha levantado. Durante a conversa, Chloe arrumou-se no banco de trás mostrando discretamente e propositalmente aos policiais que estava apenas com um dos sapatos. O policial olhou, percebeu o sinal, mas liberou o carro por não contar com reforços o suficiente. Rapidamente o policial acionou o rádio e disse: «Achei eles». Prontamente descreveu as características do carro e dos bandidos. Seguindo seu caminho, o criminoso agradece: “Boa garotinha.”, sem saber e suspeitar o que Chloe havia feito. A menina perguntou o porquê que ele estava fazendo aquilo, e ele disse: “Em uma das operações de seu pai, ele matou um grande amigo meu e eu vou fazer isso com vocês duas para ele sentir na pele o que eu senti. Ele está pensando só porque é um policialzinho, ele vai me colocar medo? Eu e minha gangue vamos nos vingar e nos divertir com vocês. “. Quando calou, avistou cinco viaturas vindo atrás deles, logo acelerou o carro e a fuga começou. Na travessia de outra cidade, já havia mais cinco viaturas bloqueando a passagem, não teria mais como fugir. Os policiais desceram dos carros e os bandidos se renderam. Fugindo do veículo com a irmãzinha no colo, a menina viu seus pais saindo de um dos carros de polícia, os dois, olhando-as também, sem demora correram para se abra



COMPONENTES DO PROJETO



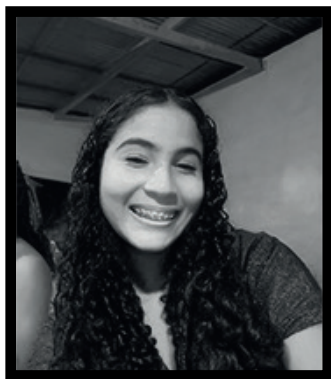
Aline Corrêa Cabral Amorim

Tenho 15 anos, sou estudante do ensino médio e faço o curso técnico de informática do IFMA, campus Itapecuru Mirim. Dentre alguns de meus hobbies estão jogar vôlei, desenhar, jogar videogames, assistir a filmes e séries de suspense na Netflix, dançar, ler livros, a maioria de suspense e romance policial. Tenho como leituras favoritas as obras de autoria da escritora britânica Agatha Christie.



Ana Beatriz Mendes Lisboa Abreu

ou apenas Bia, sou estudante do curso de Meio Ambiente no IFMA, *campus* Itapecuru Mirim. Gosto de ler romances, histórias de época, fantasia, mitologias, histórias de guerras e sou encantada pela literatura brasileira. Tenho uma pequena habilidade de escrever histórias e rabisco algumas poesias. Meus *hobbies* preferidos são ir à praia, assistir a filmes de ação, escutar MPB, tomar guaraná da Amazônia, viagens longas com a família e praticar diversos esportes. Gosto de estudar sobre astronomia, geopolítica e meio ambiente, sou apaixonada por artesanato e ir à igreja aos domingos de manhã, meu livro preferido da vida é *O Morro dos Ventos Uivantes*. Bolsista do projeto “Nem te conto: café literário com um dedo de prosa”.



Ana Clara Pessoa Rodrigues Lago Galvão

tenho 16 anos. Nasci em Itapecuru-Mirim, cidade onde ainda moro. Sou aluna do IFMA, Campus Itapecuru-Mirim, e faço o curso técnico em Informática. Sempre fui apaixonada pelos estudos, gosto muito de ler e meu livro preferido é *O Pequeno Príncipe*. Participar da produção do “Nem Te Conto” foi um dos melhores desafios que pude vivenciar até agora. Espero que possam mergulhar com este livro na imaginação de vários adolescentes que se divertiram muito na criação. Beijos!

Antonio Adelaide Batista Neto

tenho 16 anos, estudo no IFMA, no *campus* Itapecuru-Mirim. Faço o curso de técnico em informática. Gosto de músicas, toco saxofone e flauta, pratico esportes e amo comédia.



Débora Raquel da Silva Oliveira

tenho 16 anos e estudante do curso de informática integrado do IFMA. No meu tempo livre, minha paixão são as artes: leio, desenho e pinto telas. Sou leitora de livros de ficção, aventuras e enigmas. Tenho grande interesse em estudar português e história.



Elice Yehudi Rocha Pacheco,

tenho 17 anos e curso o ensino médio junto ao curso técnico de informática no IFMA, *campus* Itapecuru Mirim. Possuo um interesse amplo composto por diversas áreas de conhecimento, sendo exatas, biológicas, sociais, humanas e linguagens, mas dentro de seus interesses artísticos e linguísticos, tenho um grande afeto por músicas clássicas (principalmente observando o mar e o céu estrelado) e orquestras. Adoro tocar piano e estudar línguas estrangeiras, como mandarim, inglês, russo entre outros, seu artista favorito é Van Gogh, principalmente por ele retratar aspectos particulares e sentimentos ocultos em suas obras. Tenho preferência por textos subjetivos e críticos, dos que fazerem o leitor analisar aspectos mínimos e primordiais. Além disso, gosto de apreciar obras de suspense, ficção científica, casos criminais.



Estephany Jamilly da Silva Sousa

tenho 17 anos e sou estudante do IFMA, Campus Itape-
curu Mirim. Sou aluna do curso de informática. No meu
tempo livre eu gosto de ler, fazer laços e estudar a palavra
do senhor. Amo ler romances e contos de terror e amo
“teatrar”. Meus livros favoritos são o *como eu era antes de
você* e o *Ainda estou aqui*.



Flaésio Henrique da Costa Castro

tenho 15 anos e estou matriculado no curso integrado de informática no IFMA, *Campus* Itapecuru Mirim. Gosto de livros de suspenses e horror, adoro esportes e de conhecer novas pessoas.

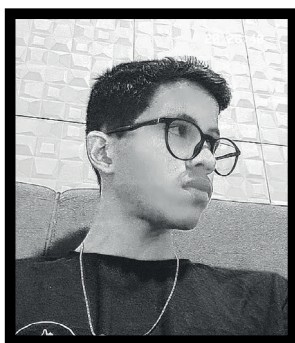


Gilmar Gabriel Correa Nascimento,

ou simplesmente Gil, tenho 16 anos, estudo Meio ambiente no IFMA - *Campus* Itapecuru. Tenho afinidade com as áreas de humanas e exatas. Com o projeto, descobri minha paixão pelos contos de terror e suspense. Hoje em dia tenho gostado de explorar os textos e a escrita peculiar do Edgar Allan Poe, sendo o conto “O gato preto” um dos meus favoritos, junto com o poema “O corvo”.

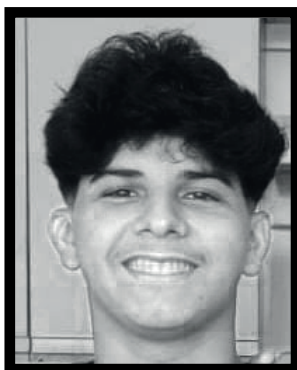
Jordyson Rael dos Santos de Sousa

Tenho 16 anos e estudo no IFMA, *Campus* Itapecuru-Mirim, fazendo curso técnico em informática. Meus *hobbies* são dormir, ler alguns livros e quadrinhos (tanto americanos quanto japoneses) de drama, suspense e tragédia, assistir a filmes de comédia e *blownmind*, em qualquer plataforma de streaming, e escrever contos e poemas em momentos de tédio.



Marcos Vinicius Santos Sampaio

tenho 16 anos. Sou aluno do curso de informática do IFMA, *campus* Itapecuru-mirim. Gosto bastante de praticar esportes, principalmente futebol, gosto também de ir à igreja e de jogar jogos eletrônicos. Gosto de ler quadrinhos, aventuras e ficção científica.



Renato Souza Mendes Phylho

Tenho 16 anos e sou aluno do curso de Informática. Gosto de estudar história e nas horas livres eu gosto de aprender sobre xadrez, ler e jogar videogame. Eu gosto de estudar história. Eu adoro ler livros cheios de incertezas, cheios de suspenses e finais abertos. Gosto quando a gente mergulha no texto, explorando as suas várias possibilidades, tirando nossas próprias conclusões e ouvindo as interpretações dos colegas.



Gabriela de Santana Oliveira

Doutoranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Estudos teóricos e críticos em Literatura pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); especialista em Recursos Gramaticais para Revisão Textual pela Faculdade Unyleya; graduada em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e em Administração pela Universidade Ceuma (UNICEUMA). Atua nas áreas de Línguas e Literaturas Portuguesa e Inglesa. Pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Lírica Contemporânea de Língua Portuguesa da UFMA e ao Grupo de Pesquisa Poesia e contemporaneidade da UFF. Coordenadora do projeto “Nem te conto: café literário com um dedo de prosa”.



Fernanda Castro de Souza Abreu

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Graduada em Letras com habilitação em português / espanhol pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Integrante e ex-bolsista (FAPEMA) do Grupo de estudo e pesquisa em Lírica Contemporânea de Língua Portuguesa coordenado pelo professor Dr. Rafael Campos Quevedo. Possui projetos de pesquisa voltados aos lugares-comuns na poesia de língua portuguesa ontem e hoje (2017) e à investigação tópica da inspiração poética na Lírica contemporânea de língua portuguesa (2018). Professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA - Campus Itapecuru-Mirim). Ordenadora do projeto “Nem te conto: café literário com um dedo de prosa”.





*“A arte existe porque a
vida não basta”.*

Ferreira Gullar

Editado em adobe Caslon Pro
impresso em novembro de 2023

Neste livro, fruto do projeto “Nem Te Conto: Café Literário com um Dedo de Prosa,” os alunos do primeiro ano do ensino médio revelam sua paixão pela literatura. Após explorar contos de mestres da literatura mundial, esses jovens escritores se entregaram à criação. Com semanas de dedicação e aprimoramento constante, cada página é fruto da evolução desses talentos emergentes. Esta coleção é um convite para mergulhar em mundos literários únicos e descobrir o que acontece quando a imaginação fervilhante da juventude se encontra com a tradição literária. Prepare-se para uma viagem que nem te conto!

